

STEIN, E. **Aproximações sobre Hermenêutica**. Porto Alegre, Edipucrs, 1996.

Antônio Valter Kuntz*

Aproximações sobre Hermenêutica é apresentado pelo próprio autor, Ernildo Stein, como resultado de sua experiência e visão pessoal sobre o tema. Em linguagem quase coloquial, em primeira pessoa, sob uma revisão ortográfica visivelmente apressada, o autor preenche, em uma nota introdutória e sete capítulos, pouco mais de cem páginas para registrar suas idéias sobre o posicionamento da hermenêutica enquanto forma de descoberta e abertura intelectual, bem como sua utilidade filosófica e histórica.

A seguir, procurei escutar o conteúdo da obra segundo as premissas de E. Stein para se realizar uma investigação hermenêutica completa e apropriada. Obviamente, dentro dos limites característicos de uma resenha acadêmica e não artística. E, dado o caráter pessoal do texto e do próprio tema, seria por demais complexo separar o discurso do resenhador do discurso do autor, do que me absteve sem nenhum escrúpulo e conto com a compreensão hermenêutica do leitor.

Nota introdutória.

Nesta Introdução, E. Stein apresenta seu intuito de contribuir, em forma de livro, com suas considerações sobre a ligação entre a fundamentação (a justificação de nossas proposições) e a racionalidade (comportamento racional), expressada em forma de linguagem formal-

* Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia e professor de Filosofia e Sociologia do Colégio Objetivo, unidade Uberlândia-MG.

discursiva e hermenêutica. Esta “ligação”, a racionalidade hermenêutica, é o ponto de partida e o objetivo do autor em suas aproximações através da argumentação filosófica e do debate metodológico das ciências humanas.

Chegamos aos objetos pela linguagem.

Com extremo cuidado de linguagem, o autor inicia o capítulo relacionando duas condições de racionalidade, argumentando que as ciências falam (de) dentro do mundo enquanto que a filosofia fala sobre o mundo. Mas para o desenvolvimento da hermenêutica filosófica, devem ser ultrapassados dois corredores comuns: o da razão e o da lógica, para seguir caminho através da linguagem, enquanto ela é o mundo sobre o qual falamos, posto que não falamos do mundo a não ser falando da linguagem. Neste caminho, o autor demonstra que o objeto das ciências é delimitado enquanto o objeto da filosofia não pode ser delimitado. E na medida em que a filosofia trata o mundo como linguagem, Stein argumenta que mundo e filosofia (linguagem) compartilham da mesma estrutura de algo como algo. A racionalidade humana só tem acesso ao mundo, aos objetos, via conceito, via significado, via linguagem. Mas este acesso, enquanto lógico-formal, é limitado e dependente de um contexto pressuposto de compreensão e de interpretação. O ser humano não tem acesso pleno ao objeto a não ser via significado. Algo como algo é a estrutura de nossos enunciados porque a estrutura do mundo é algo como algo. Nossa compreensão tem a estrutura de algo como algo. A linguagem traz em si um duplo elemento, um elemento lógico-formal que manifesta as coisas na linguagem, e o elemento prático de nossa experiência do mundo anterior à linguagem, mas que não se expressa senão via linguagem, este elemento é o como e o logos hermenêutico. Citando Heidegger, há o como hermenêutico, do mundo; e o como apofântico, do discurso. A racionalidade é ambígua e por isso, a compreensão e a hermenêutica são formas sábias da consciência filosófica para acesso ao mundo.

O logos hermenêutico.

Estrutura do sentido e sentido da estrutura.

Enquanto no capítulo anterior E. Stein parece ser muito cuidadoso com as palavras, respeitando e delineando seu discurso com respeito à tradição ocidental, permanecendo dentro de uma linha lógico-formal, neste capítulo ele passa a ter estilo crítico próprio, característico até o final em tratar a hermenêutica filosófica como detentora do poder de compreender a compreensão humana. Pois filosofia não trata de objetos, mas trata do modo como os objetos se dão, trata das condições de possibilidades já que não existe experiência sem mediação da linguagem. E por este motivo a idéia do sentido é o tema principal da hermenêutica. Além dos mitos dicotômicos de mundo ideal e mundo real, do mundo pensado e do mundo vivido, surge o mundo da compreensão onde sujeito e objeto se fundem numa mesma estrutura de sentido. Ao ler um texto e ver a forma estruturada de suas proposições, compreendemos o texto, apanhamos o sentido da estrutura. Quando um ser fala, articula sempre aquilo que é condição do discurso, da palavra, sob forma de estrutura do sentido. Por isso a palavra sentido é uma espécie de código fundamental da hermenêutica. A filosofia enquanto filosofia hermenêutica procura uma base para os processos cognitivos humanos que se dão na linguagem e diz que existe, desde cedo, um processo comum a todos os seres humanos que lhes permite se comunicar através de uma linguagem, através dos discursos que trabalham com enunciados e que esta condição de possibilidade de comunicação vem da compreensão que faz parte do modo de ser do homem, dada como estrutura prévia de sentido. Além de seres biológicos, somos no mundo compreensão. E a partir daqui as ciências humanas adquirem sua importância no mundo, em relação ao limites das ciências naturais, por se moverem num espaço de discurso para lá do discurso lógico-semântico.

A autonomia da hermenêutica e o iluminismo.

Sobrevoando contextos diferentes, E. Stein dá rasantes sobre a trajetória histórica da tradição hermenêutica em paralelo com a trajetória do iluminismo. Das três tradições de linguagem ocidentais, lógica grega, teologia medieval e humanismo do renascimento; a hermenêutica representa a ponta da tradição humanística. Em vez da construção de uma linguagem definida pela lógica ou pela perfeição, se inicia a criação de metáforas postas a partir do universo humano. O nascimento da tradição hermenêutica, a introdução das metáforas, do universo dos sentidos e da história conceitual, libertou o universo humano do determinismo que se infiltrava através de concepções ontológicas e também ideológicas. O iluminismo acompanhou a independência da hermenêutica, na medida em que a vemos como produção histórica que se utiliza de um discurso especializado identificado por suas metáforas tiradas da tradição histórica e literária. E. Stein destaca o movimento iluminista como um contraponto do movimento da tradição hermenêutica, enquanto o primeiro cuidava de emancipar o ser humano através da razão objetiva ao criticar as ontologias conservadoras, a hermenêutica acompanhava o processo das idéias, livre de conceitos rígidos, sem a pretensão de saber mais do que a ciência. E, enquanto a tradição iluminista perde sua força, a tradição hermenêutica superou a si mesma e passou a delinear um novo universo e uma nova consciência do lugar do homem na cultura e na história.

N.R.: Observação leve: em relação o capítulo anterior, senti falta de uma abordagem menos dicotômica e um pouco mais relacionada à filosofia da ciência como contraponto da filosofia hermenêutica.

Da situação hermenêutica e do compreender.

Neste capítulo, E. Stein inicia o leitor no mundo e no léxico

heideggerianos. E demonstra a antecipação deste autor na concepção hermenêutica dos tempos modernos com sua nova terminologia, como por exemplo a definição de situação hermenêutica como a espécie do lugar que o investigador atinge através de instrumentos teóricos que tem à disposição para a partir dele realizar a avaliação de um campo temático. E. Stein decanta a obra *Ser e Tempo* e o projeto de Heidegger - analisar o processo da compreensão humana sempre sobre dois aspectos: o lógico-semântico e o hermenêutico. Neste capítulo percebemos que a construção do livro *Aproximações sobre Hermenêutica* é um reflexo e não exatamente uma reflexão sobre a obra de Heidegger e detectamos que a “situação hermenêutica” de E. Stein repousa sobre o novo sentido da filosofia como ontologia fenomenológica universal que parte da hermenêutica do *Dasein*, do ser-aí. E que o compreender é o existencial do próprio poder-ser do ser-aí. Antes de Heidegger a hermenêutica era compreender textos, depois de Heidegger era compreender a totalidade, formando a estrutura da circularidade. Esse processo hermenêutico é o processo no qual damos conta de que só sobrevivemos objetificando coisas pelo compreender e falando destas coisas através da linguagem no nível lógico-semântico e, de outro lado, só sobrevivemos enquanto, ao mesmo tempo, já damos a este compreender do domínio lógico-semântico uma base hermenêutica, quer dizer, uma base fática, uma base que somos faticidade. Assim somos um modo de ser no mundo e não apenas descrevemos coisas do mundo. Um modo de ser compreensão limitado ao tempo presente, sem domínio de passado ou futuro, circunscrito a uma história já acontecida, um jogo já jogado.

A hermenêutica filosófica e o acontecer da verdade.

Enquanto o capítulo anterior foi dedicado a Heidegger, este se volta para Gadamer e sua obra *Verdade e Método*. E. Stein lembra que poderia ter tomado outros caminhos para a análise da hermenêutica, mas

o impacto gadameriano desde 1960 se impõe diante da filosofia contemporânea. Cita levemente outros autores como Habermas, Karl-Otto e Paul Ricoeur e a abertura da hermenêutica à tradição analítica para depois retomar seu caminho através de Heidegger e sua influência decisiva em Gadamer. Para Stein, o conceito central de *Verdade e Método* é a experiência. A possibilidade de representação de uma totalidade é a totalidade da experiência do mundo. Do impulso fundamental de Heidegger, Gadamer chegou a uma ontologização da hermenêutica e assim permitindo a perspectiva de uma hermenêutica filosófica. Ao lado da idéia de experiência, Gadamer usa a expressão acontecer da verdade, onde o processo de compreensão do ser se limita a sua faticidade e historicidade. Nasce a consciência histórica efetiva (efetual) como contraponto da situação hermenêutica. A intenção da hermenêutica passa a ser esclarecer o pano de fundo da verdade que está no acontecer da obra de arte, da história e da linguagem. A hermenêutica de Gadamer tem a pretensão de universalidade com a frase todo ser que pode ser compreendido é linguagem, dando ao fenômeno hermenêutico um substrato lingüístico. Na última parte deste capítulo, Stein fala da consciência crítica da hermenêutica e das objeções da filosofia analítica à filosofia hermenêutica, declarando um empate, pois uma dependeria da outra para sobreviver. Ao final, E. Stein transcreve as realizações e as limitações da hermenêutica escritas por Habermas e as respostas de Gadamer. Então conclui que a importância da hermenêutica é sua pretensão de universalidade e que, mesmo contestada, permanece como paradigma para a discussão da filosofia e das ciências humanas.

Biografia, investigação e racionalidade.

Neste capítulo se realiza uma abordagem sobre o desenvolvimento de um trabalho coerente, dentro de uma certa linha e isso é uma questão hermenêutica. Em estilo de aconselhamento aos pesquisadores, E. Stein

escreve que enquanto um físico enumera suas conquistas etapa por etapa, um cientista de humanas deve encontrar seus caminhos e segui-los com fidelidade e progressividade. Para as ciências humanas todo desenvolvimento passa por textos sobre outros textos, e Stein combate o caráter sincrônico e alheio ao sujeito do método estruturalista em nome da universalidade do método hermenêutico que estuda as estruturas de sentido e a historicidade. Trata-se sempre de reconstruir o texto enquanto interpretação consciente da limitação dos horizontes e, independente das ferramentas utilizadas, extrair do contexto hermenêutico o instrumental que permitirá o máximo de fidelidade ao texto sem uma atitude servil ao formalismo.

O caminho da investigação hermenêutica.

Deste ponto em diante E. Stein se preocupa em mostrar passo a passo como proceder para se colher frutos da hermenêutica e suas aplicações sem se perder na totalidade. Se o desenvolvimento das ciências humanas se fez através de textos, se fez através das aplicações clássicas da hermenêutica (bíblica, jurídica, filológica). Mas os tabus da hermenêutica clássica e suas conclusões determinadas não tinham a visão da totalidade que caracteriza a hermenêutica atual. Stein refuta a crítica de que a hermenêutica seja acrítica, pois tratada como método ela pode ser apresentada com três tipos de procedimento que nos dão resultados importantes para o desenvolvimento das ciências humanas. Primeiro é o método hermenêutico no sentido estrito com a análise conceitual e sua história. Um segundo aspecto de método é o contexto da descoberta e da justificação, onde analisamos a epistemologia relacionada às ciências humanas. O terceiro caminho é o da especulação que irá apresentar novas descobertas. Em suma, método e não-método se misturam na produção dos textos das ciências humanas, sendo muito mais ensaios de característica abrangente do que teses específicas e determinadas. Outro

ponto mais central do capítulo é a identificação correta da situação hermenêutica com as delimitações básicas de uma investigação: a delimitação do tema; a articulação correta das questões; utilização adequada da melhor bibliografia possível; uma forma adequada de apresentação do tema. A abrangência da especulação hermenêutica não pode ficar em um universo abstrato, e é importante o confronto com a realidade através de outros textos. É necessário ser coerente e produzir textos classificáveis do ponto de vista metodológico. Munido dos livros, textos e artigos e bem situado hermeneuticamente devem ser seguidos três passos fundamentais: transpor a linguagem do autor para a nossa própria linguagem; partilhar do sistema lingüístico do autor; escolher a melhor terminologia entre a nossa e a do autor. Para E. Stein, todo texto produzido para o desenvolvimento das ciências humanas deve ser intersubjetivo, exposto aos outros e entendido por eles. Além disso, o autor também chama a atenção para a imaginação criadora e a possibilidade de *ler textos a contrapelo*, em lugar de lermos Hegel dialeticamente, poderíamos inverter a dinâmica do texto como já fazem os desconstrutivistas. Talvez não mais segundo os cânones mas rompendo a solidariedade entre as linhas do texto, perseguindo o não-pensado e sobretudo nos concentrando não na universalidade, na sistemacidade do texto, mas celebrando sua singularidade.

Sobre a bibliografia.

Não há bibliografia. Podemos salientar que a ausência da bibliografia padrão no trabalho de E. Stein é o símbolo de toda a sua obra. Trata-se apenas de um comentário por alto da infinidade de obras sobre hermenêutica, os autores mais conhecidos citados e os trinta anos de textos escritos pelo próprio E. Stein.

Nota final:

Com exceção da bibliografia, ao que parece, E. Stein cumpriu suas diretrizes de como produzir um texto crítico, classificável, intersubjetivo e público. Entretanto, é possível identificar em toda sua obra um certo enfado de toda a discussão da hermenêutica em si. Surge a questão de se, após tantos anos de dedicação acadêmica, o autor descobriu que todo texto é uma obra de arte. Por este caminho, toda ciência do espírito seria efêmera em suas intenções. Em suma, o debate sobre o método hermenêutico está aberto e, para quem deseja ser guiado através de seus labirintos de palavras, o livro de E. Stein serve de bússola com a qual o leitor interessado poderá escolher seu norte condutor.